

O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos e Inglezes
Possão dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.

CAMÕES. *Os Lusíadas.*

Bons tempos, esses, em que pelo mundo ainda se acreditava nas palavras de Camões, quando o poeta dizia que os portuguezes haviam nascido, não para ser mandados, — mas para mandar. Bons tempos que passaram, e que não voltam mais!...

Porque hoje estamos reduzidos ao vergonhoso estado de servos submissos da Inglaterra! Os alle-mães, os gallos e os italos, nenhuma consideração nos ligam, em vista da humilhante attitude que o governo assume, em face das insolencias inglezas... E lord Salisbury, animado do mais profundo desprezo pelos nossos estadistas de sêbo, vae dispondo dos nossos bens coloniaes em proveito do duque de Fife e d'outros duques mais ou menos larapios da

côrte de Sua Desgraciosa Magestade, — com o mesmo cynismo com que um chefe de salteadores distribue pela quadrilha os despojos provenientes do ultimo roubo e do ultimo assassinato . . .

Em 11 de fevereiro de 1890, o gabinete do sr. Serpa Pimentel, a pretexto de *facilitar* as negociações com o gabinete de Saint-James, houve por bem declarar Lisboa em estado de sitio, e mandar rodear a estatua de Camões com mais soldados e policias do que quantos foram postos em movimento, na Europa e nas duas Americas, para a prisão de Eyraud, o assassino de Gouffé . . . Esta exhibição de chanfalhos, espingardas e apitos, em torno de Camões, tinha por fim impedir que o publico fosse em piedosa peregrinação collocar flôres aos pes d'aquelle que tão alto havia cantado as nossas façanhas.

Dizia, com os seus botões, este governo da decadencia:

— «Se os portuguezes vão depôr flôres sobre a estatua de Camões, é que esses portuguezes querem provar publicamente que ainda lhes corre nas veias algumas gottas d'aquelle sangue antigo e lusitano, que nunca arrefeceu diante do perigo. Ora uma tal demonstração provará á face da Europa que ainda ha portuguezes com brio e com coragem, e é isto que nos não convém para o bom andamento das negociações. Tratemos pois de suffocar a demonstração camoneana, para que a Inglaterra se convença de que nas veias dos portuguezes só corre capilé, e que nós somos dignos da maxima consideração! . . .»

* * *

Este sabujismo saloio e governamental, que nenhum reptil ousaria pôr em pratica com medo de ter de córar á ultima hora, nunca se poderia perdoar, nem mesmo quando Salisbury tivesse pedido publicamente perdão de ter julgado intimidar estadistas, e de ter apenas intimidado um ministerio de lêsmas...

Mas onde a indignação nacional attinge as maiores proporções, envolvendo no seu desprezo todos os ministros que se arvoraram em governo para ludibrio do nosso paiz, é quando vemos Salisbury, não só não ter a menor consideração pela fraqueza e lesmice governamental, — mas depois de nos ter mandado sair do Chire, de dispôr da navegação do nosso Zambeze, como se fosse o Tamisa, mandar fusilar dois soldados indigenas que marchavam para o interior com instrucções d'uma auctoridade portugueza, e antes de os fusilar mandar queimar na presença das victimas a bandeira das quinas!

E é o sr. Pinheiro Chagas, o orador parlamentar e governamental que mais rhetoricamente tem especulado e traficado com essa *bandeira das quinas*; que, de cada vez que lhe convém arrebatrar as multidões com os seus chavões oratorios, serve a *bandeira das quinas*, assada, frita, cozida, refogada, quente ou fria, com môlho de manteiga ou môlho de villão, com calda de assucar ou com calda de tomate; — é o sr. Pinheiro Chagas quem, no dia em que essa gloriosa bandeira recebe a maior das offen-

sas, vem para o *Correio da Manhã* defender as vergonhas por que nos está fazendo passar o sr. Hintze, as humilhações que a diplomacia d'este balôfo e empanturrado conselheiro tem acarretado sobre o nosso querido paiz;—é o sr. Pinheiro Chagas quem vem rir do patriotismo de todos quantos na camara fallaram na honra da bandeira!...

* * *

Como tudo isto é triste!

Ha longos annos que o *patriotismo* tem sido o elemento rhetorico de todos os discursos do auctor da *Morgadinha*; ha longos annos que S. Ex.^a cultiva a especialidade da *patria* como elemento de triumpho oratorio; ha longos annos que S. Ex.^a, da Academia para a camara, da camara para os comicios, dos comicios para os saraus, sem razão nem motivo, passa a vida desfraldando e agitando a *bandeira das quinas, bafejada pela brisa calida dos tropicos*; ha longos annos que S. Ex.^a parece querer convencer o nosso paiz de que a *bandeira das quinas* é seu monopolio exclusivo, e que ha uma só— a bandeira dos seus discursos...

E quando realmente essa bandeira é queimada infamemente pelo infame Buchanan, com a firme intenção de provocar e insultar a nossa patria— o sr. Pinheiro Chagas desaparece da tribuna, e perde assim a melhor e talvez a unica occasião de fazer ouvir á Europa inteira um grito de sincero patriotismo, e de deixar á posteridade uma obra-prima de oratoria...

Pois que melhor occasião tinha o sr. Chagas para ser applaudido pela Europa? E que melhor occasião tinha este governo para, em nome da dignidade nacional tão vilmente offendida pelo agente inglez no Chire, cessar todas e quaesquer negociações com a Inglaterra, e appellar para os governos europeus?!...

Que melhor occasião para suspender essas negociações irrisorias com lord Salisbury, e reclamar do insulto feito á bandeira portugueza junto de todas as potencias?...

Que melhor occasião para este gabinete—que já não tem porta decente por onde sahir—sahir de cabeça levantada, com os applausos de toda a nação?...

* * *

Que espera o sr. Hintze? que espera o governo das taes *negociações diplomaticas* com lord Salisbury?...

Decerto que não espera que o gabinete de Saint-James reconheça os nossos direitos em Africa, ou nos dê compensações de grande valor n'outros pontos do globo. Desde o momento que lord Salisbury se viu forçado a assignar o tratado colonial com a Allemanha, e a dar á Allemanha tão vastos dominios na Africa equatorial, o que tem provocado tamanha grita contra Salisbury na imprensa ingleza,—lord Salisbury para responder aos ataques da imprensa e da opposição e para se conservar no poder, só tem a fazer uma coisa: roubar a Portugal os valores coloniaes que se viu obrigado a ce-

der á Allemanha, n'outros pontos do continente negro.

Ora não tendo nós a esperar nenhuma compensação materiaes do governo inglez, só devemos esperar—uma satisfação para a nossa dignidade offendida. E como não é de suppôr que o inglez, sempre reptil com os fortes, como agora succede com a Allemanha, sempre insolente com os fracos e os desprotegidos, como succedeu com o Egypto e como succede agora com Portugal,—como não é de suppôr que o inglez faça acto de contrição e peça perdão do *ultimatum* de 11 de janeiro de 90, não vejo o que espera de Londres o *ávanté canecense* que está á frente do nosso ministerio dos estrangeiros, para assim desprezar a mais bella occasião que a fatalidade lhe offerecia, para sollicitar a intervenção das potencias...

*
* *

O que é um verdadeiro enigma é o papel que o sr. Hintze Ribeiro ambiciona representar na tragedia da decadencia portugueza. Esta ave ágoureira e conselheiral está sendo impenetravel, insondavel e indecifravel, em todas as suas sortes de prestigitação diplomatica. Tem o que quer que seja d'uma bruxa dos velhos melodramas, e a quem um diabo tivesse cortado a lingua, para a proteger contra a fatalidade atavica do sexo feminino, que consiste em fallar pelos cotovellos!

Na historia da politica contemporanea abundam os modelos d'estas aves agoureiras; e parece-me

que o sr. Hintze está imitando gesto por gesto, palavra por palavra, aquelle sr. Emile Olivier que foi o penultimo presidente do conselho de Napoleão III.

Poucos mezes antes da tragedia de Sédan, declarava elle aos que o interpellavam ácerca d'uma provavel declaração de guerra da Prussia, que o gabinete a acceitava — *d'un cœur léger!* Tempo depois o tal *cœur léger* do sr. Emile Olivier custava á França o ser invadida pelos exercitos prussianos, e custava ao imperio a sua queda e, o que ainda é mais, a sua deshonra!...

Ha principalmente uma resposta do sr. Emile Olivier em pleno parlamento, que certamente está servindo de norma diplomatica ao sr. Hintze, de cada vez que o interrogam na camara ácerca do estado das negociações com a Inglaterra.

Em abril de 1870, um deputado da extrema esquerda, o sr. Jules Ferry, em nome da opposição democratica e republicana, interpellava o presidente do conselho ácerca de certas pendencias diplomaticas. O sr. Emile Olivier, que operava diplomaticamente como hoje opéra o sr. Hintze, respondeu o seguinte que ficou celebre:

« — *J'ai l'honneur de vous répondre que je ne vous répondrai pas!* »

Tambem o sr. Hintze responde, de cada vez que lhe perguntam a quanto sóbe o numero de pontapés que lord Salisbury nos tem applicado desde 11 de janeiro:

« — Tenho a honra de lhes responder que a nada responderei!... »

A historia da politica franceza ensina-nos que as evasivas diplomaticas do sr. Emile Olivier — o Hintze Ribeiro de Napoleão III — lhe valeram ser ainda

hoje um dos homens politicos mais desprezados que existe em França. O sr. Emile Olivier ficou perdido para a sua geração e tambem para a historia do seu paiz.

Fico fazendo votos ao ceu para que o sr. Hintze Ribeiro possa abrir os olhos a tempo, e pôr de parte o seu desmedido orgulho diplomatico e a sua incommensuravel vaidade como estadista; — aliás podemos vê-lo caír tão baixo como Emile Olivier, arrastando Portugal para esse Sédan africano, que se chamará o Chire!

Que está o governo esperando de Londres? . . .

Lord Salisbury, reconhecendo á Allemanha a sua theoria colonial do *hinterland*, isto é, que todo o estado europeu que possui terrenos na costa africana tem o pleno direito de estender a sua esphera de acção para o interior — declara, com um cynismo verdadeiramente britannico, que só reconhece esse direito aos paizes poderosos em armas como a Allemanha, contestando-o totalmente aos paizes pequenos e fracos como Portugal.

No tratado colonial que acaba de se assignar entre os gabinetes de Londres e de Berlim, lord Salisbury concorda em que os interesses allemães na Africa Oriental fiquem limitados ao sul por uma linha partindo da embocadura do Rokura ao oeste do lago Nyassa até ao sul do lago Tanganika; ao norte, por uma linha partindo da margem este do lago Victor-Nyanza e indo até ao Estado do Congo.

Ainda mais: A Inglaterra usará de toda a sua influencia (a influencia dos couraçados!) para decidir o sultão de Zanzibar a ceder á Allemanha os pedaços das costas alugados pelo sultão á Sociedade Alemã do Éste Africano.

Ainda mais: A fronteira entre o territorio allemão de Togo e a colonia ingleza da Costa do Ouro, segundo os desejos da Allemanha, será formada por uma linha que corta em dois o paiz contestado de Krepi, do qual o norte ficará pertencendo á Allemanha e o sul á Inglaterra.

Ainda mais: A Inglaterra dá de presente a S. M. o Imperador da Allemanha a ilha de Heligoland, situada no mar do Norte, e que a Inglaterra occupava desde 1807 com o mesmo direito e a mesma audacia, com que ainda hoje occupa Gibraltar...

* * *

Ora quem saiba lêr mediocrementemente entre as linhas dos tratados, chega sem grande esforço de intelligencia ás seguintes conclusões:

—Que a Inglaterra só assigna tratados vantajosos com um paiz, quando as estatisticas lhe provem que esse paiz possui forças de terra e de mar capazes de correr a pontapés os estadistas e os subditos de Sua Desgraciosa Magestade;

—E que lord Salisbury para não desequilibrar os valores coloniaes da corôa de Inglaterra, passará a roubar tantos territorios a Portugal, quantos forem necessarios para compensar os presentes africanos que acaba de dar de mão beijada á Allemanha.

Quando subiu ao poder, o gabinete do sr. Serpa não quiz appellar para o artigo 12.º do tratado de Berlim, quando ainda era chanceller do imperio o sr. de Bismarck, um dos signatarios d'esse tratado. O governo preferiu negociar com lord Salisbury, por intermedio do sr. Barjona de Freitas.

As consequencias d'esta esperteza canecense e diplomatica do sr. Hintze, são as seguintes:

— Portugal perdeu a occasião de appellar para o sr. de Bismarck, que era o inimigo declarado da politica ingleza.

— Portugal acaba de perder qualquer auxilio diplomatico que pudesse esperar de Berlim, pois que a Allemanha depois de receber tão bella fatia das mãos de lord Salisbury, não é de suppôr que o vá embarçar na série de ladroeiras que tenciona operar na África portugueza.

— E como mais nenhuma potencia intervirá em nosso favor, ficamos á mercê de lord Salisbury, que em face de diplomatas como o sr. Hintze, continuará fazendo com a bandeira portugueza tapetes e capachos para os corredores do seu ministerio...

Francamente que não sei o que é que o sr. Hintze espera de Londres!

Emquanto a attenção d'este governo está toda voltada para as margens do Tamisa, como se das margens do Tamisa nos pudesse vir mais alguma coisa do que insultos, roubos e desdens, — continuam ao abandono, ou votadas ao desprezo, por

um falso e acanhado ponto de vista monarchico, as nossas relações com o Brazil.

Emquanto a nossa politica monarchica continuá pondo de quarentena o governo provisório, e continúa desdenhando lôrparamente do general Deodoro da Fonseca, dos seus ministros e dos seus representantes no estrangeiro, sem querer pensar um momento que a vida economica da nação portugueza anda e poderá andar ainda por alguns seculos ligada ao Brazil, — o presidente da republica franceza recebe *officialmente*, com todas as honras devidas a um ministro regularmente acreditado, no seu palacio do Elyseu, no dia 20 de junho corrente, o sr. barão de Itajubá, ministro da republica brasileira junto do governo da republica franceza.

*
* * *

O sr. Hintze Ribeiro só pensa em Londres, só pensa no Chire, só pensa em disparates e aventuras coloniaes que hão de absorver ao contribuinte milhares e milhares de contos, sem d'ahi tirarmos cinco reis de proveito, nem a sombra d'uma gloria. E nem um instante pensa no Brazil; nem um instante pensa em vencer certas repugnancias futilissimas da tradição monarchica; nem um instante pensa em entrar em relações officiaes com o governo provisório; nem um instante pensa em acabar com esta especie de amuo que se estabeleceu entre o gabinete de Lisboa e o gabinete do Rio de Janeiro.

Quer o governo as sympathias do paiz, mostrando que trabalha sinceramente pelos seus inte-

resses?... Aproveite quanto antes o exemplo dado pelo sr. Carnot, e convença El-Rei da necessidade politica, que envolve altas conveniencias economicas, de receber oficialmente o ministro da republica brazileira junto do governo portuguez.

Se o não faz, o governo brazileiro justamente offendido com uma attitude tão hostil por parte do governo portuguez, procurará por todos os modos derivar para França a corrente de interesses que ainda ha entre o Brazil e Portugal, assim como para Inglaterra, onde a casa Rotschild acaba de tomar firme um emprestimo do governo provisorio.

*
* *

Pouco falta para que seja completo o divorcio entre as duas nações que fallam a mesma lingua.

As aventuras africanas em que se teem lançado os ultimos governos, teem-os levado a descurar absolutamente as nossas relações com o Brazil. D'aqui o descaminho de relações e operações commerciaes e financeiras de que Portugal podia ter a maior parte, e que teem ido parar, por estupidez e desmazelo governativo, diplomatico e consular, ás mãos de inglezes, francezes, belgas e allemães!

Fizemos o Brazil. O Brazil proclamou a sua independencia politica. Mas o Brazil podia continuar a ser para nós um vasto e precioso campo de operações commerciaes, se os nossos governos tivessem tido o tino e o patriotismo sufficientes para estudar as necessidades do Brazil nas suas relações com a Europa, e de vêr em que proporção podia-

mos lutar com as outras nações no genero de transacções que o Brazil tem de sustentar com o velho continente.

Tinhamos a nosso favor as tradições historicas, a mesma lingua e a mais rica colonia nacional de todas as colonias estrangeiras estabelecidas entre o Amazonas e o Rio Grande.

Mas os nossos governos pensam que a verdadeira politica consiste apenas em ter colonias e nunca mais d'ellas nos occuparmos quando ellas se separam da metropole; pensam que a politica só consiste em olhar pelo que materialmente possuímos, e não pensar nos interesses materiaes que ligam um povo a outro povo; pensam que a politica consiste apenas no expediente dos ministerios e não nos mil interesses commerciaes, industriaes e agricolas que podem ligar eternamente duas nações, completando mutuamente as suas riquezas... E é por esta falsa comprehensão do que seja a *politica*, que em menos de cincoenta annos nós vemos toda a tradição e toda a influencia portugueza no Brazil ser vencida pela influencia franceza, ingleza e allemã, ser vencida pelos paizes onde a *politica* não é campo de vaidades e de platonismos para uso privado de conselheiros, mas uma sciencia com um fim pratico e util, procurando desenvolver e augmentar por todos os modos a riqueza interna e a sua expansão e influencia no estrangeiro.

*
* *

Nós fizemos o Brazil. E em vez de continuar as nossas relações politicas e economicas, procurando-as estreitar e desenvolver por todos os modos n'um immenso paiz onde tudo é portuguez, afastamo-nos d'elle totalmente, para irmos esgrimir e soffrer enxovalhos por causa dos Mashonas e dos Matabelles.

Que o sr. Antonio Ennes explore por todos os modos, nas columnas do *Dia*, os Mashonas e os Matabelles, o Lobengula e o Melaure, para assim passar aos olhos portuguezes, absolutamente ignorantes em geographia e nomes africanos, como o unico politico capaz de se entender na pasta das colonias, quando para esse ministerio o convidar El-Rei—é o que ha de mais natural e de mais honesto, pois que o sr. Ennes só pensa em ser ministro da marinha.

O mesmo processo politico e parlamentar seguiu o sr. Franco Castello Branco para ser ministro da fazenda. Este perspicaz bacharel percebeu que os deputados portuguezes eram pouco dados aos estudos financeiros e ás questões de economia politica. E que fez o bacharel?...

Agarrou-se aos livros e ao jornal do Paul Leroy-Beaulieu, mais ao jornal dos economistas do Molinari e aos seus annuarios de economia politica, mais aos livros, ás conferencias e aos discursos do Léon Say, mais aos discursos do Rouvier; foi para a camara; começou a fallar em theorias de livre-cambio e de proteccionismo, em capital, em rendi-

mentos do Estado, em orçamentos rectificadros, em leis de meios, em impostos proporcionaes e impostos progressivos, em impostos directos e impostos indirectos, em *deficit*, sobretudo em *deficit*, apoiando o seu dizer com cifras e mais cifras; e todo o seu partido exclamou em côro:

— «Que genio! que economista! que grande ministro da fazenda!...»

E apenas o nosso bacharel chega ao ministerio e precisa realisar um emprestimo de 9:000 contos nas praças estrangeiras — é o que nós sabemos como fiasco!...

*
* *

Ora voltando á vacca-fria, o que eu queria dizer — é que as nossas colonias d'África, por emquanto só teem servido para absorver o ouro do contribuinte; e os nomes dos seus rios, dos seus lagos, dos seus portos, das suas montanhas, dos seus regulos e das suas estações no interior, só teem servido para facil erudição de candidatos a ministros da marinha.

O que eu queria dizer — é que nos devemos preparar para sermos largamente roubados pela Inglaterra, mas que ainda nos ficam colonias, isto é, territorios incultos, inhospitos e inhabitados para dar, vender e colonisar; que não devemos correr doidamente atraz da moda ou da febre colonial que hoje se apoderou da Inglaterra e da Allemanha, porque não temos nem abundancia de capitaes, nem de braços, para arriscar em semelhantes phantasias e aventuras; que devemos convencer este governo a

que saía do poder, para vêr se apparece um gabinete que nos faça sahir decorosa e limpamente da ratoeira em que caímos, e que tão largamente aproveitou á Allemanha e á Inglaterra; e que se olhe mais attentamente pelo commercio, industria, agricultura e instrucção da metropole, pela prosperidade dos Açores e da Madeira, e pela expansão e influencia portugueza no Brazil:—porque tudo isto creio que vale bem mais para a nossa felicidade e riqueza, do que os selvagens Matabelles e Macalacas com que o sr. Ennes adormece de quando em quando os leitores do *Dia*.

Tratemos de seguir os bons exemplos da França, da Allemanha, da Inglaterra, da Belgica e da Hollanda:

Menos politica—menos rhetorica—mais instrucção—e mais negocio!...

Mariano Pina.